

DOI 10.20396/conex.v15i1.8646043

**ENTREVISTA**

*Entrevista com o Prof. Dr. Dr. HC.  
Hans-Joachim Appell Coriolano*



*Docente da Universidade Alemã de Esporte  
Colônia - Alemanha*

Marcelo de Maio Nascimento<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco.  
Recebido em: 02 jun. 2016  
Aprovado em: 10 ago. 2016  
Contato: marcelo.nascimento@univasf.edu.br

### **1. Como o Sr. ingressou na área da Educação Física?**

Bom, foi a partir de um erro cometido, ainda muito jovem, ao decidir estudar Direito. Isso aconteceu em Berlim. Entretanto, após um semestre, notei que essa não seria minha área de atuação futura. Eu havia feito essa escolha por causa do meu pai, que era advogado. Então, decidi mudar e optei por estudar Educação Física; saí de Berlim e vim para a cidade de Colónia. Isso foi no ano de 1971. Ao chegar aqui iniciei dois estudos: Educação Física e Latim. Mas o Latim foi só por dois anos.

### **2. Existiu alguma modalidade esportiva, durante sua vida, que lhe fascinou?**

Sim, o Remo. Já em Berlim, no tempo de escola, eu pratiquei o Remo. Berlim é uma cidade propícia para essa prática, pois possui muitos lagos e rios. Aqui em Colónia, durante os estudos continuei remando e cheguei até a vencer o Campeonato Universitário Internacional nesta modalidade. Não me recordo muito bem quando foi, mas acredito que em 1973 ou 1974. Contudo, depois não tive mais tempo para me dedicar a este esporte e aos poucos deixei de praticá-lo.

### **3. E como surgiu sua vocação para professor de anatomia?**

Logo de início, aqui na Universidade de Esporte, eu passei a admirar o meu professor de anatomia. Ele era um homem muito rígido e digno. Assim, tomei coragem e decidi me apresentar a ele: conversamos e iniciei um estágio no Laboratório de Morfologia. Por lá fiquei todo o período da Graduação e ele se tornou o orientador do meu trabalho final, que foi um estudo experimental sobre diferentes métodos para análise dos vasos capilares nos músculos esqueléticos. Ao finalizar o estudo em Educação Física, iniciei minha formação em Medicina, na universidade de Colónia, que é independente da Universidade de Esporte. Aqui, diferentemente do Brasil e dos demais países, somos considerados pelo Ministério da Educação como uma universidade própria e não uma faculdade. Portanto, ela possui Reitor e conselho deliberativo próprio; além de financiamento, o que facilita nossa infraestrutura para fazer ensino, pesquisa e extensão.

Bom, continuando! Então, depois da formação em Educação Física, cursei Medicina. Mas já sabia que não iria clinicar futuramente, apenas trabalhar como pesquisador na área das Ciências do Esporte. Eu concluí a formação em Medicina, mas durante o curso não me afastei do Laboratório de Morfologia. E foi neste, em 1981, que eu me doutorei pela primeira vez. O tema do trabalho foi muito interessante para a época, pois relatei os efeitos do uso de esteróides para o músculo cardíaco e artérias. Os resultados chocaram a comunidade científica alemã, porque, pela primeira vez, constatou-se em ratos a relação dessas substâncias com a Cardiomiopatia e a Arteriosclerose. No mesmo período, haviam ocorrido fatos estranhos no esporte nacional: a morte de dois atletas alemães de alto rendimento. Assim, a partir dos

resultados deste trabalho foi possível correlacionar implicações do doping com a morte desses atletas. Isso foi algo altamente significativo para nossa sociedade, determinando uma série de novos estudos na área do doping. Com isso, recebi o prêmio “Carl Diem” que era o maior prêmio na área das Ciências do Esporte na Alemanha.

#### **4. Quando o Sr. se tornou professor efetivo da Escola de Esportes de Colônia e quais disciplinas vem ministrando desde então?**

Ah, isso foi em 1986, após o meu Pós-Doutorado. Desde então, eu sou o professor titular da disciplina de Anatomia Funcional, uma disciplina que considero extremamente importante para o exercício da nossa profissão. Sabes... Nas minhas aulas, eu sempre procuro dar aos alunos exemplos do dia a dia. Meu ponto de vista sobre a anatomia na área da Educação Física é de que ela tenha vida! Acho importante que meus alunos sejam capazes de ver, sentir e explicar a movimentação dos corpos que se deslocam a sua frente. Eu considero princípios tradicionais da anatomia, mas priorizo a funcionalidade de todo o corpo humano. Acredito que isso é importante para os profissionais da nossa área. A partir das experiências ganhas ministrando essa disciplina, nos anos 80, eu escrevi um livro didático de Anatomia Funcional, no qual há vários exemplos práticos. Em 2008, sua quarta edição foi lançada aqui na Alemanha, pela Editora Springer, com conteúdos reelaborados e novas ilustrações. No Brasil, este livro ainda não é conhecido, mas tenho um grande desejo: traduzi-lo para a língua portuguesa e apresentá-lo ao público da área da Educação Física do Brasil e de Portugal. Acredito que a forma como o livro aborda os conteúdos da Anatomia Funcional, relacionando isso com a prática diária dos profissionais de Educação Física, seria muito útil para colegas brasileiros e portugueses.

#### **5. Quais são as suas funções administrativas na Universidade de Esportes de Colônia?**

Bom, estas foram e continuam sendo muitas. Já há 25 anos, eu sou presidente do Conselho dos Exames, que é um departamento responsável pelo processo de avaliações dos alunos. Durante 12 anos, eu fui Decano da Faculdade de Medicina e Ciências Naturais. Também estive durante 5 anos como presidente do Senado desta Universidade. Atualmente também exerço o cargo de presidente da Comissão de Agregação. Essa comissão é composta por seis professores titulares, responsáveis pelos procedimentos dos candidatos a Pós-Doutorado.

#### **6. Quantos alunos há, atualmente, matriculados na Universidade de Esportes de Colônia e qual o quantitativo de professores?**

Nós temos aproximadamente 6.500 estudantes de Educação Física. Desses, cerca de 600 são estrangeiros, os quais vêm para cá por intermédio de convênios que firmamos com mais de 100 universidades, nos cinco continentes. Professores titulares

são cerca de 40. Além desses, há mais 350-400 profissionais entre Doutores, Mestres e Substitutos. Aqui necessitamos de um grande número de professores para desenvolver ações nos 17 institutos que formam os cursos de Graduação, também nos 15 diferentes programas de Mestrado e cursos de Doutorado. A demanda de trabalho é grande, contudo, como a Universidade foi fundada em 1947, há um bom plano diretor para o acompanhamento de tudo.

### **7. Professor Appell, o Sr. possui uma ótima relação com a Faculdade de Esportes da cidade do Porto, em Portugal. Como surgiu essa cooperação?**

Iniciou em 1987, quando um aluno de Doutorado do Porto me contatou. Ele havia conhecido meu trabalho por meio de publicações. Então, recebi um convite e fui até o Porto. A partir disso, iniciamos uma cooperação muito fértil. Desde então, orientei outros quatro professores desta instituição no Doutorado e um desses no Pós-Doutorado. O primeiro foi o professor José Soares. Hoje, ele trabalha na área de Fisiologia. O segundo foi o José Duarte, o qual é professor da área de Bioquímica. Também orientei o Jorge Mota, o qual esteve um bom período comigo aqui na Alemanha. Ele desenvolve atividades na área da Recreação e do Lazer no Porto. Assim, ao longo dos anos, eu venho participando de diferentes eventos a convite do colega Jorge Bento. Ah! Também posso citar como parte dessa cooperação o meu colega aqui da Universidade, conhecido no Brasil por suas obras na área da Pedagogia, o professor Eckhard Meinberg; agora já aposentado.

Bom... Posso dizer que o trabalho com os colegas do Porto sempre foi e continua sendo bem sucedido. Nesses anos, eu também fiz grandes amizades por lá e isso me liga à cultura portuguesa. Além da cozinha e do bom vinho (risos), a língua portuguesa também me fascina; eu a considero como minha segunda forma de expressão! Sabes... Um momento muito especial de minha vida ocorreu lá no Porto. Em 2006, o Senado desta universidade decidiu agraciar tanto o meu colega Meinberg, como eu com o título de "*honoris causa*". Este reconhecimento – sinceramente – me surpreendeu! Foi um momento, singular, em minha carreira. E não nego: visto com muita alegria este anel aqui na mão direita (risos).

### **8. O Sr. também teve contato ao longo dos anos com brasileiros que atuam na área da Educação Física?**

Sim, muitas vezes aqui em Colônia, com aqueles que realizaram o Doutorado e Pós-Doutorado. Como, por exemplo, o Eduardo De Rose, da Medicina do Esporte, o Alberto Carlos Amadio da Biomecânica, entre outros. Além disso, participei de dois Congressos PALOPS: em Portugal e em Moçambique; experiências muito interessantes! Nesses encontros, eu tanto conheci, como reencontrei colegas do Brasil. Já aqui na Universidade de Esporte de Colônia, eu sempre fui um endereço para os alunos vindos de Portugal e do Brasil, visto que, no início, a língua alemã apresenta

dificuldades para os estrangeiros. Além disso, também orientei trabalhos de Graduação, Doutorado e Pós-Doutorado de alunos que falavam Português. Recentemente, em 2015, tive um aluno de Pós-Doutorado muito aplicado, vindo de Minas Gerais, o Moacir Marocolo. Nosso trabalho foi muito produtivo, não só do ponto de vista metodológico, mas também humano. Isso eu considero fundamental! Durante a sua permanência aqui em Colônia, discutimos várias vezes sobre aspectos do ensino na área da Educação Física e sobre o meio acadêmico. Sabes, mesmo atuando consideravelmente na área da pesquisa, eu não consigo desvinculá-la do ensino, porque os procedimentos e princípios de uma pesquisa necessitam ser ensinados e bem apreendidos. A razão e finalidade de uma pesquisa estão nos seus resultados, nas transformações que o pesquisador apresentará à sociedade: uma pesquisa deve gerar frutos úteis. Sua intenção não é dar status ao pesquisador ou ao seu grupo!

**9. Professor, já que o Sr. tocou no ponto pesquisa e pesquisadores, poderia nos falar sobre sua atuação e experiências no “*International Journal of Sport Medicine*”, revista em que é o Editor chefe?**

Bom... O “*International Journal of Sport Medicine*” foi fundado em 1980. Já muito cedo, a editora “*Thieme*” me convidou para colaborar com a equipe. Assim, eu desenvolvi várias funções e desde oito anos tenho sou o Editor chefe. O trabalho é muito interessante! Ele permite que eu sinta o cheiro do que está sendo produzido na área da pesquisa (risos)! Eu gosto muito do contato com os artigos submetidos, pois com eles posso vivenciar a evolução tanto das linhas de pesquisas, como de procedimentos metodológicos: até mesmo daqueles que não se apresentam em condições consideráveis ou não são inovadores. A meu ver, isso também é uma forma de se fazer ciência, pois, assim, eu aprendo e me qualifico para orientar meus alunos de Graduação e Pós.

No “*International Journal of Sport Medicine*” eu trabalho com mais três colegas, mas sou o responsável pelo contato direto com o pessoal do escritório (Editora Thieme). Sendo assim, eles me enviam os artigos submetidos, em seguida eu realizo uma avaliação prévia, considerando se o estudo é de interesse da revista e se está nos moldes exigidos. Se não, eu respondo aos autores agradecendo e caso o tema não se encontre no nosso escopo, também sugerindo o envio para outras revistas. Após, eu envio os manuscrito aprovados nesta primeira etapa para dois avaliadores *Ad hoc*. Logo após, eles enviam seus pareceres para mim e eu repasso isso para o(s) autor(es) do artigo. Nesse sentido, minha função é coordenar o diálogo entre o autor e os avaliadores do artigo. Outra função consiste na organização e composição dos artigos de cada edição. Em média, publicamos 14 exemplares por ano, cada um com aproximadamente 13 artigos.

**10. Professor Appell, qual a sua opinião sobre a tendência atual de temas dos artigos submetidos ao “*International Journal of Sport Medicine*”?**

Eu noto que, na área da medicina esportiva, há uma tendência para a diversificação dos temas. Veja só: antigamente, os artigos tratavam de aspectos bioquímicos, biomecânicos, abordavam a medicina interna e dos tecidos, além de questões do rendimento. Nos últimos anos, tenho observado a submissão de trabalhos na área do treinamento, porém sem muito aprofundamento metodológico, o que lamento muito. Em geral, são trabalhos observacionais que abordam o perfil fisiológico de atletas. Acredito que isso não aperfeiçoa o nosso conhecimento na área da medicina do esporte! Contudo, como o contingente de artigos submetidos ao “*International Journal of Sport Medicine*” é grande, nos permite escolher os melhores. Nossa faixa de aceitação é de 20% do montante submetido.

Outro aspecto muito interessante que tenho observado, já há cinco anos, foi o aumento de trabalhos submetidos por grupos de pesquisa do Brasil. Posso dizer que há dez anos não recebíamos artigos do Brasil. Até então a produção internacional brasileira era relativamente baixa. Atualmente, o Brasil conta com grupos fortes que se fazem representar – muito bem – nas revistas chamadas de impacto alto: A1. Acho que isso é consequência de um trabalho conjunto, realizado tanto pelas políticas internas brasileiras, como pelos colegas nos cursos de Educação Física e, principalmente, nos programas de Pós.

**11. Professor, a que o Sr. atribui o motivo para que pesquisadores não consigam ter estudos aceitos por revistas internacionais? O que o Sr. poderia dizer, nesse sentido, aos pesquisadores brasileiros?**

Eu não conheço bem a situação dos colegas brasileiros. Vou falar de forma geral, o que eu penso sobre a conjuntura da produção científica na área da Educação Física: Bom, a língua inglesa pode ser um problema para muitos, mas isso já não é mais desculpa, pois vivemos em tempos da Globalização. Entretanto, o que realmente dificulta – ainda – alguns pesquisadores/grupos a terem seus trabalhos aprovados é a falta de ideias inovadoras, de criatividade, de apresentar novas perspectivas em seus trabalhos; ou seja: de produzir com originalidade. Temos muitos estudos no mercado que repetem o que já foi publicado. Assim, eles apresentam o que já se conhece. Penso que pesquisadores necessitam de visões com fantasia! Procedimentos metodológicos a gente estuda e aprende! Mas a visão criativa, crítica e original a gente só pode conquistar no dia a dia, conversando e questionando os professores experientes e maduros. Percebo que há muitos professores novos, orientando e formando novos pesquisadores. Mas não de forma inovadora, pois eles próprios não foram sensibilizados para essa visão criativa e original da pesquisa. Perceba que não condeno ninguém, só advirto para o fato, pois tenho tido muitos artigos em mãos; falo por experiência! E digo mais: isso é mundial e não uma situação brasileira.

## **12. O que o Sr. sugeriria para os pesquisadores e grupos que desejam submeter seus trabalhos em revistas de alto impacto?**

Boa pergunta! É difícil de responder. Vou tentar por meio de um acontecimento ocorrido comigo neste ano. Geralmente, pesquisadores novos não têm coragem para criticar os estudos publicados. Por exemplo, um dos meus alunos de Pós-Doutorado e eu escrevemos um artigo de revisão. Um dia este aluno chegou e falou: Professor, eu não teria coragem de escrever isso! E perguntei: Por que não? Ele falou: O Sr. está criticando o estudo de um dos grandes da área. Aí eu lhe disse: Tens que apresentar a tua opinião aliada a bom raciocínio, mesmo que ela vá de encontro aos achados deste autor. Mas faça isso diferenciando a crítica realizada a partir da especulação, de uma crítica metodologicamente fundamentada. Porque é isso, entre outros fatores, que originará uma boa publicação, ou seja: um trabalho original, criativo e interessante! Minha opinião é: quem deseja evoluir na área da pesquisa tem que ser inteligente. E inteligência, nesta área, significa humildade. Acredito que o pesquisador necessita vivenciar a crítica dos outros sobre o seu trabalho. Isso é determinante, conduzirá ambos a novos rumos, abrirá perspectivas para a área de estudo, estimulando o ganho de conhecimentos.

Na primeira edição do meu livro de Anatomia Funcional, escrevi na introdução uma passagem de “*Faust*”, uma obra de Goethe, um célebre filósofo alemão: “O que a gente não sabe, é exatamente o que se necessita. Já o que se sabe, é o que não se necessita”. De tal modo, realço que se alguém deseja produzir conhecimento, ele tem necessidade de conhecer o que ainda não sabe!

## **13. Professor, o Sr. já está próximo de se aposentar, quais são os seus planos para esta nova etapa da vida?**

Realmente, já estou com 40 anos de serviços prestados e me aposento em 2017. Penso em pedir a prorrogação de até três anos aqui na minha Universidade. Confesso que não estou preparado para a aposentadoria O que mais desejo é saúde! Há a possibilidade de continuar como Editor chefe do “*International Journal of Sport Medicine*”, isso iria me ocupar de forma prazerosa. Outra possibilidade seria fazer um curso e me habilitar como tradutor juramentado para a língua alemã-português-alemão. Isso seria ótimo à manutenção da minha capacidade cognitiva (risos). Também há a possibilidade de realizar intercâmbios com universidades para a troca de experiências na área do ensino e da pesquisa. Eu gostaria muito de fazer isso, pois poderia dedicar mais tempo a essas atividades, já que, geralmente, as visitas em universidades são por poucos dias. Desse modo, eu poderia me dedicar aos alunos de Educação Física e à discussão com colegas sobre a elaboração, execução e avaliação de projetos, bem como a escrita e submissão de artigos para periódicos internacionais. Ao mesmo tempo, eu quero dedicar tempo à tradução do meu livro didático de Anatomia Funcional para a língua

portuguesa. Acredito que ele seria bem útil à formação de estudantes de Educação Física brasileiro e portugueses.

*Professor, muito obrigado pela sua disposição.  
Foi um prazer!*